

## VIAGEM IMAGÉTICA DO SEFELI: RESGATE DA MEMÓRIA DE EXPERIÊNCIAS E PARTILHAS DOCENTES

Silvania Capua Carvalho (Mestre em Literatura e Diversidade, Professora/UEFS)  
Rosinadja B. dos Santos Morato (Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente, UFS)

**Resumo:** Este relato de experiências de docência, motivado pela participação ativa em todas as edições do Sefeli, pretende compartilhar o impacto desse evento na formação dos docentes ao longo de uma década de sua realização. A partir da atuação no ensino superior e tendo como missão motivar, através da sociologia do encantamento, a formação profissional de futuros docentes de língua inglesa, tem por objetivo compartilhar e refletir sobre os conhecimentos e repertório teórico que o Sefeli tem proporcionado aos visitantes e equipe organizadora. Para alcançar o proposto, será utilizada a etnometodologia, que implica na construção e desconstrução de sujeitos e suas trajetórias. O percurso teórico é feito com base nos recortes da antropologia sobre os conceitos de cultura (DURAND, 1997) e identidade (HALL, 2009), como suporte ao aprofundamento dos estudos sobre as experiências vividas ao longo das seis edições do evento, compartilhando-as na orientação dos alunos da graduação de letras inglês do campus da UEFS. Os resultados propõem, a partir de uma viagem temporal pela história do Sefeli, sob a perspectiva de Memória Imagética, sugerir o despertar para a importância de uma atitude colaborativa dos métodos e práticas pedagógicas disseminados no evento, que visam à qualidade do ensino de língua inglesa na formação de novos profissionais.

**Palavras-chave:** Identidade, Memória Imagética, Formação Docente, Língua inglesa.

### Introdução

A dificuldade de manter uma formação contínua para professores de Língua Inglesa na região nordeste é notória, principalmente no tocante aos professores da educação básica, em virtude da carência de centros profissionais altamente qualificados nessa região. Foi baseado nessa premissa que surgiu o Seminário Formação de Professores e Ensino de Língua Inglesa (Sefeli), objeto desse relato de experiência.

A ideia do I Sefeli, ocorrido em 2011, foi dar a oportunidade para os professores e estudantes de Língua Inglesa de ter contato com especialistas nessa área de ensino vindos de várias partes do país, o que permite uma amplitude das discussões atuais e relevantes nessa área de atuação, além da riqueza que é o intercâmbio de conhecimentos inter-regional, e, também, internacional, uma vez que o evento sempre contou em suas edições com pesquisadores internacionais de renome, oriundos de países como o Canadá, Estados Unidos, Austrália, entre outros.

Organizado pelo Grupo de Pesquisa Letramentos em Inglês: língua, literatura e cultura (Linc), e realizado a cada biênio, o Sefeli em 2021 completou 10 anos e realizou sua

sexta edição. A cada evento, são abordados temas como: “formação de professores de línguas estrangeiras; ensino e aprendizagem de língua inglesa; novos letramentos e novas mídias; identidade, pós-colonialidade e transculturalidade” (SEFELI, 2021), entre outros que vão sendo atualizados a cada edição. O principal objetivo do evento, segundo seus organizadores, é incentivar a discussão em torno do ensino de inglês na atualidade, envolvendo diferentes segmentos da universidade e professores do ensino básico para o intercâmbio de conhecimento e experiências de pesquisa. Visa ainda a:

[...] fomentar novas perspectivas no ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras na Educação Básica e Superior; divulgar estudos e pesquisas que tenham como objeto o ensino e a aprendizagem de língua inglesa e a formação de professores; e contribuir para fomentar a produção de trabalhos que promovam a formação inicial e continuada de professores de inglês no país, em especial em Sergipe. [...] [De maneira a] contribuir para a diminuição da desigualdade tanto econômica quanto intelectual entre as diversas regiões do país, levando-se em consideração as históricas dificuldades enfrentadas pela região Nordeste. (SEFELI, 2017).

No presente relato de experiências de docência, motivado pela participação ativa em todas as edições do Sefeli, as autoras pretendem compartilhar o impacto desse evento na formação dos docentes ao longo de uma década de sua realização, proporcionando um grande repertório teórico aos participantes e à equipe organizadora. O percurso teórico foi feito com base nos recortes da antropologia sobre os conceitos de cultura (DURAND, 1997) e identidade (HALL, 2009). A escolha metodológica acolhe o relato de experiências (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021), ancorado na etnometodologia (GARFINKEL, 2006; COULON, 1995) e através da memória imagética (DURAND, 2002; OLIVEIRA, 2014).

### **Relatando as experiências**

Eu sou a professora Silvania Capua Carvalho, filha, mãe, avó e professora de língua e literatura inglesa da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) desde 1993. Ao longo da última década tenho participado de todos os eventos e serei a principal narradora desse relato. Rosinadja Morato, minha colega de percurso, é licenciada em Letras Inglês pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) como segunda graduação. Nosso encontro acontece quando ela ainda era estudante do curso de Letras, em 2017, durante a realização do IV Sefeli, quando estava envolvida com a organização e a comunicação do evento, sendo dela, portanto, as narrativas que recuperam a história do Sefeli para o complemento às imagens que serão apresentadas.

No entanto, começo meu relato ainda em 2009, quando comecei a participar dos eventos promovidos pela UFS, universidade pública e federal que tem ao longo de sua

existência desempenhado papel primordial na formação de professores de diversas áreas de conhecimento. A casa das Letras e números, mas também sonhos, porque a vida não é feita só pelos legados que vão nos constituindo.

Meu primeiro contato com o campus de São Cristóvão, onde fica a sede da UFS, foi durante o evento SEHEL 2009, Seminário de História do Ensino das Línguas, sob a coordenação dos professores Luiz Eduardo Oliveira (UFS) e José Carlos Paes de Almeida Filho da Universidade de Brasília (UnB). Participei também de eventos como o Seminário Nacional Literatura e Cultura (Senalic) e o Encontro de Pós-Graduação em Letras (Enpole), realizados pela equipe de professores dos Departamentos de Letras Estrangeiras e de Educação da UFS, nos quais tive a oportunidade de acompanhar seus monitores e alunos da graduação que puderam desenvolver o trabalho conjunto de compartilhar o conhecimento através desses eventos.

Vale ressaltar nesse momento que o relato de experiências, diferentemente de uma pesquisa acadêmica, tem por objetivo trazer o registro de experiências vivenciadas (LUDKE; CRUZ, 2010). Ou nos dizeres de Mussi, Flores e Almeida (2021, p. 64), pretende trazer, além da “experiência vivida (experiência próxima), a sua valorização por meio do esforço acadêmico-científico explicativo, por meio da aplicação crítica-reflexiva com apoio teórico-metodológico (experiência distante)”. Nesse sentido, ao trazermos o resgate da memória imagética do Sefeli, ao longo de seus 10 anos de acontecimentos, temporalizamos a narrativa evolutiva dos caminhos entre a Bahia e Sergipe para comungar dos saberes ali apresentados e registramos com as imagens o sentido da importância e influência do evento na formação dos professores de Língua Inglesa.

Como nos lembra Oliveira (2014, p. 52), as imagens são elementos primitivos no registro e na comunicação entre os humanos, considerando que os homens das cavernas já as utilizavam para registrar o seu cotidiano. “Dessa forma, as imagens possuíam um papel fundamental para a espécie humana, visto que possibilitavam a comunicação entre gerações, e, mesmo após a invenção da escrita, não perdeu seu valor”. Ou seja, além de trazerem um registro simbólico de uma época, elas também nos contam uma história, podendo a elas serem atribuídos elementos bibliográficos, um assunto, uma referência (exemplo) e uma relação (temporal ou factual) (SHATFORD, 1994).

O formato do Sefeli abrange a realização de mesas redondas com temáticas contemporâneas, minicursos, palestras magnas e comunicações de estudos realizados pelos mais diversos pesquisadores nas áreas temáticas do evento. Nesse sentido, cada registro

imagético realizado ao longo das suas versões, além de fixar em tela um acontecimento, permite o resgate memorial do imaginário, os sentimentos e pertencimentos ali desenvolvidos, os encontros e as apropriações de saberes adquiridos a cada palestra, apresentação e oficinas realizadas.

Essa dinâmica nos traz a condição para adentrarmos numa jornada de conhecimentos que nos transformam em profissionais mais preparados para os desafios da sala de aula. Como diria o teórico Jacques le Goff, a história deve ser dividida em pedaços. No meu relato, faço questão de estabelecer que eu sou uma profissional BS (*before* Sefeli) e AS (*after* Sefeli), e esse entendimento foi o que promoveu a necessidade desse relato. A Rosinadja endossa esse sentimento quando ao participar pela primeira vez do evento, nunca mais se afastou de sua realização, e ainda adentrou aos meandros da sua organização. Nesse relato, sua experiência é desde os bastidores, envolvida na escolha das temáticas, dos formatos, da estrutura e de toda a logística de comunicação.

Segundo Hall (2006), a partir de suas experiências, o desenvolvimento do sujeito assume contornos históricos e vai aderindo a identidades diversas em diferentes contextos, o que lhe impulsiona em inúmeras direções, de modo que suas identificações são continuamente ressignificadas. A diversidade temática e as abordagens multidisciplinares que o Sefeli vem abordando ao longo de suas edições, constituem elemento de certo importante para as constituições identitárias dos professores que dele participam.

Sob a coordenação do professor Vanderlei Zacchi, e a colaboração das professoras Ana Karina Nascimento, Maria Amália Façanha, Paulo Boa Sorte, dentre tantos outros colegas e parceiros que foram se agregando a esse grupo, oriundos das universidades públicas de todo o país, o Sefeli sem dúvida é um evento que tem contribuído para constituir o aperfeiçoamento de muitos profissionais das letras, alterando seus percursos, refletindo em suas práticas e contribuindo para seus processos identitários e culturais.

Tenho participado de todas as seis edições e quero relatar publicamente a importância do evento para minha trajetória, bem como minha gratidão a cada um dos demais participantes, a cada monitor, estudante da graduação e ao grupo organizador pela recepção e competência na condução dos bastidores do evento, que motiva e empodera a nós, estudantes e professores, sempre aprendizes, a galgarmos novos níveis com o compartilhamento do conhecimento ao longo desses anos.

Para Hall (2006), nossas identidades surgem de nosso "pertencimento" a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. E é notório esse

sentimento de pertencimento identitário que se manifesta na participação do Sefeli, que se configura como um evento de extensão que efetiva e consolida a experiência do formando e dos formadores com impactos positivos enquanto futuros profissionais de educação (ALMEIDA, 2016). Nesse relato, trazemos o olhar interno, na pessoa de Rosinadja, prata da casa da UFS, e o meu olhar, que é externo, como professora do Estado da Bahia, na UEFS. Ainda como aluna, ela, em 2013, no segundo Sefeli, estava entrando na UFS como graduanda e foi monitora, posteriormente veio a se tornar parte da equipe da organização do IV Sefeli, agora como doutoranda na instituição.

Como bem relata Durand (1997, p. 42), “o trajeto antropológico é mediado pelo processo de simbolização”, e é nesse processo que os complexos de cultura são formados. Por isso a escolha da narrativa foi baseada na etnometodologia que aborda os processos de aprendizagem, geração e compartilhamento de conhecimento por meio das práticas. Bispo e Godoy (2012, p. 687), ao trazerem os conceitos de Garfinkel (2006), precursor da etnometodologia, afirmam que “o comportamento das pessoas é construído nas interações por meio de um processo de linguagem e negociação contínuo e situado, ou seja, não há uma estrutura rígida e imutável que orienta o agir das pessoas”. Nesse contexto, para nós, tudo começou na nossa graduação, ao lermos as referências teóricas da linguística aplicada, e a partir das orientações dos professores e professoras que nos inspiraram.

### Representação Imagética do Sefeli

O I Sefeli ocorreu em 2011. O evento proporcionou ao público presente a possibilidade de intercâmbio com pesquisadores vindos de várias partes do país e também do Canadá e da Austrália, bem como permitiu conhecer o que estava sendo praticado em Sergipe. Como resultado do evento, foram publicados caderno de resumos (impresso) e anais (CD). A figura 01 traz as imagens do evento e mostra, no sentido horário, o banner com as informações da data e dos palestrantes do I Sefeli; na sequência a autora Silvana com uma das organizadoras, Profa. Maria Amália Façanha; no quadrante seguinte a colega e companheira de vários Sefelis, a Professora Antônia Iris (*in memoriam*) apresentando sua comunicação; e por fim mais uma vez Antônia Iris com o organizador do evento, professor Vanderlei Zacchi e a professora colaboradora Jane dos Santos.

Figura 01 – Mosaico com cartaz de chamada do I Sefeli e registro de participantes



Fonte: Arquivo pessoal; Mural em Redes Sociais<sup>1</sup>

O II SEFELI aconteceu em 2013, juntamente com o Simpósio Transculturalidade, Linguagem e Educação, vinculado ao GT da Anpoll, permitindo assim a participação de pessoas de outras áreas de Letras e Educação. O evento teve quase 500 inscritos, um público acima do esperado pela organização. Foram realizadas palestras, mesas redondas, oficinas e sessões de comunicação.

Figura 02 – Mural de fotos com cartaz de chamada do II Sefeli e registro de participações



Fonte: Arquivo pessoal

Na figura 02, registra-se na primeira linha o *banner* de chamada para o II Sefeli e na sequência a capa do trabalho apresentado pela autora Silvana. Na segunda linha, temos o registro da mesa de abertura do evento; e na sequência o registro do participante especial, o Prof. Kanavillil Rajagopalan, linguista indiano, professor titular da Universidade Estadual

<sup>1</sup> Fonte da figura 01: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=168975039824727&set=a.168974473158117>

de Campinas, ao lado do Prof. Antonio Codina, à época doutorando em Estudos Linguísticos pela USP. Na terceira linha, o registro da mesa redonda “*Boring being normal is: Convergência, literatura e educação pluralista*”, com a preleção da Profa. Vera Helena Gomes Wielewicki (UEM).

O III Seminário ocorreu em 2015, respeitando a periodicidade do evento e dando continuidade aos trabalhos realizados nas edições anteriores.

Figura 03 – Mural de fotos com registros do III Sefeli



Fonte: Acervo Pessoal e Redes Sociais<sup>2</sup>

Na figura 03, o primeiro registro é do simpósio coordenado pela Profa. Mariana Perez sobre Formação Docente; por fim os alunos do Pibid/UFS após a apresentação das suas comunicações orais derivadas de suas experiências na prática docente.

A quarta edição do Sefeli é onde começa o percurso efetivo de Rosinadja, que teve participação ativa na organização do evento em toda a parte de divulgação e comunicação. Inicialmente previsto para acontecer em 2017, o IV Sefeli foi adiado em decorrência da falta de financiamento. Após notas de pesar de pesquisadores cobrando sua realização, o organizador lançou uma vaquinha *online* para financiar a empreitada. O evento foi transferido então para maio de 2018 e enfrentou mais um contratempo: a greve de caminhoneiros que parou todo o país, com fechamento de aeroportos e redução de transporte público. Mesmo assim, o evento aconteceu e reuniu pesquisadores de várias regiões do Brasil e convidados especiais como o Prof. Bill Cope e a Profa. Mary Kalantzis, ambos da University of Illinois, EUA.

Na figura 04, a seguir, em sentido horário, registram-se a logo utilizada para o evento, na sequência a mesa de abertura; no próximo quadrante a conferência do Prof. Isaias Francisco de Carvalho, da UESC; e, por fim, a palestra de abertura com o prof. Bill Cope.

<sup>2</sup> Fontes da figura 02 e 03: [https://www.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=10153548246410490&id=729060489](https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=10153548246410490&id=729060489)  
<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1181869968495448&set=pcb.1181871311828647>

Figura 04 – Mural de fotos com registros do IV Sefeli, parte I



Fonte: Acervo pessoal e Redes Sociais do Linc<sup>3</sup>

Na figura 05, em sentido horário, temos o registro da oficina "Identidades sociais em sala de aula de línguas estrangeiras: raça, etnia e gênero", ministrada pelas professoras Acássia Anjos (UFS/UFMG) e Doris Matos (UFS); na sequência, o registro da oficina "Multimodalidade, multiletramento e ensino de línguas", ministrada pela Profa. Viviane Herbele (UFSC/CNPq); no próximo quadrante, o registro das participantes, da direita para a esquerda, as autoras Rosinadja e Silvana, em seguida a saudosa Antônia Iris e sua amiga; e por fim a Profa. Denise Bertoli Braga, professora titular de Linguística Aplicada na Unicamp. Coordenadora do E-Lang, grupo de estudo que tem como foco a prática pedagógica e a formação docente, em sua interface com as tecnologias (digitais).

Figura 05 – Mural de fotos com registros do IV Sefeli, parte II



<sup>3</sup> Fonte da figura 04 [https://www.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=1856987654353362&id=288069997911810](https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1856987654353362&id=288069997911810)

Fonte: Acervo pessoal e Redes Sociais do Linc<sup>4</sup>

Na figura 06, a primeira imagem registra a plenária durante a realização das conferências em auditório; logo abaixo a palestra da professora Mary Kalantzis, transmitida ao vivo diretamente dos EUA; e ao lado a foto de encerramento com a equipe organizadora e o professor Bill Cope.

Figura 06 – Mural de fotos com registros do IV Sefeli, parte III



Fonte: registros realizados por Laudo Natel<sup>5</sup>

O V Sefeli ocorreu em 2019 com todas as atividades centralizadas na didática VII do Campus São Cristóvão. Essa centralização facilitou o intercâmbio entre os participantes, que nas versões anteriores acabavam se dispersando nos espaços diversos nos quais as atividades ocorriam. O evento teve sua abertura realizada por A. Suresh Canagarajah, linguista cingalês, professor de linguística aplicada e estudos asiáticos da Penn State University, EUA. Teve também um espaço maior para atividades envolvendo o estudo de outras línguas, como o Espanhol. Na figura 07, temos o registro do cartaz de divulgação do V Sefeli e ao lado o registro da apresentação da Profa. Acássia Anjos, sobre a formação de professores de espanhol.

<sup>4</sup> Fonte da figura 05 [https://www.facebook.com/events/1653488001387545/?post\\_id=1661215113948167&view=permalink](https://www.facebook.com/events/1653488001387545/?post_id=1661215113948167&view=permalink)

<sup>5</sup> Fonte da figura 06 <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1659485460773670&set=a.516752638380297>

Figura 07 – Mural de fotos com registros do V Sefeli



Fonte: Acervo pessoal

A sexta edição do Sefeli vem se deparar com mais um desafio, além da falta de financiamento, no ano da celebração de seus 10 anos, o evento se depara com uma pandemia global, com a ameaça do coronavírus e precisa se reinventar. E assim, aconteceu o VI Sefeli no formato *online*, momento em que repaginou sua logomarca (figura 07) e, também, os tipos de atividades até então oferecidas.

Figura 08 – Nova logomarca para chamada do VI Sefeli



Fonte: Site do evento<sup>6</sup>.

As atividades aconteceram em formatos de oficinas, palestras, painéis, mesas redondas, comunicações orais, painel multimodal, além de passarela da convivência, e contaram, mais uma vez, com nomes representativos da área de formação de professores de Língua Inglesa do Brasil e do exterior. Também foram realizadas homenagens póstumas, através de imagens, a pessoas que não resistiram ao período pandêmico, mas que têm suas imagens associadas à participação efetiva no evento, tais como o canadense Bill Brydon e a saudosa e outrora fiel participante, profa. Antônia Iris.

<sup>6</sup> Fonte da figura 07 <https://doity.com.br/sefeli-1>

Figura 09 – Imagens dos homenageados postumamente durante o VI Sefeli



Fonte: Acervo pessoal e site do evento.

### Considerações Finais

Para representar o que significa o Sefeli na construção da nossa trajetória, podemos usar a metáfora das quatro estações de ensino, parafraseando o livro do mestre Almeida Filho (2012):

1ª estação, verão, é o calor dos encontros presenciais desde a primeira edição, com as múltiplas faces de pesquisadores que passaram pelo auditório da reitoria da UFS, na época o local do evento.

2ª estação, seria o outono, a cada dois anos estar de volta e ver o *campus* com mais um prédio construído denominado didática 4, depois a didática 5 e por último o prédio que abrigou a última edição presencial do evento em 2019.

3ª estação, chegou o inverno, fazer ou não fazer o evento apesar dos cortes de verbas? E ainda o enfrentamento de uma greve de caminhoneiros com fechamento de estradas e aeroportos? Vaquinha online, arrecadação solidária, videoconferência por *streaming* e outras soluções do destemido organizador Vanderlei Zacchi, que já parecia uma preparação para as edições atuais em tempos da pandemia do Covid, com sua versão online.

4ª estação, denominaria primavera, ao ver os brotos dos frutos da interação que o evento proporciona. Nas minhas incursões ao Sefeli, levei professoras, supervisoras, e bolsistas do Programa de Iniciação à Docência (Pibid). Vê-las, bem como a outros professores e supervisores de escolas públicas parceiras, partirem para o mestrado e doutorado interagindo com os nossos referenciais teóricos presentes nas edições dos Anais do Sefeli.

Por tudo o exposto, consideramos que o formato do evento, conforme as experiências aqui relatadas, enriquecem fortemente a prática pedagógica do docente de Língua Inglesa, e a isso se adiciona o privilégio de conhecer professores renomados de universidades de todo

país e também internacionais, conforme foi sendo citado ao longo do texto. As diversas trocas acadêmicas e o *networking* estabelecido ao longo das seis edições do SEFELI são marcos na formação de professores de Língua Inglesa e podem ser agregados e replicados a outras línguas afins, tais como a Língua Espanhola, a Língua Francesa, e a Língua Brasileira de Sinais (Libras), bem como o Português como língua estrangeira.

## Referências

ALMEIDA FILHO, J. C. P. *Quatro estações no ensino de línguas*. Campinas: Editora Pontes, 2012.

BISPO, M. de S.; GODOY, A. S. A Etnometodologia enquanto caminho teórico-metodológico para investigação da aprendizagem nas organizações. *RAC*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 5, art. 3, pp. 684-704, Set./Out. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/k4zcbhnnTz45BWfcbYX875d/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2021.

COULON, A. *La etnometodología*. 3. ed. Madrid: Cátedra, 2005.

DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ESTRADA, A. A.; ALVES, F. L. Imaginário, cultura e educação. *Educere et Educare*, v. 13, número especial, jul/dez. 2017 ahead of print, p. 6-9. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/download/15075/12373/68322>. Acesso em: 05 nov. 2021.

GARFINKEL, H. *Studios en etnometodología*. Barcelona: Anthropos, 2006.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. São Paulo: DP&A, 2006.

LÜDKE, M.; CRUZ, G. B. da. Contribuições ao debate sobre a pesquisa do professor da educação básica. *Form. Doc.*, Belo Horizonte, v. 02, n. 03, p. 86-107, ago./dez. 2010. Disponível em <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>. Acesso em: 02 jun. 2021.

MORIN, E. *O método 2: a vida da vida*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Práxis Educacional*, [S. l.], v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

OLIVEIRA, R. A. de. *Obras de arte e a memória imagética: uma análise dos métodos de representação*, 2014. 272 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Ciência da Informação, 2016.

SEFELI. *Projeto de captação de recursos IV Sefeli*. UFS: São Cristóvão, 2017.

SEFELI. *Seminário Formação de Professores de Língua Inglesa*, 6. Disponível em: <https://doity.com.br/sefeli-1>. Acesso em: 15 out. 2021.

SHATFORD, S. Some issues of the indexing of images. *Journal of the American Society of Information Science (JASIS)*, Los Angeles, v. 45, n. 8, p. 583-588, 1994.